



No final do século XIX, Santos teve destacado papel na formação do movimento operário brasileiro. As transformações resultantes da dinamização das atividades portuárias, da vinda de imigrantes, do processo de urbanização e saneamento da cidade formaram um solo fértil para a emergência desse movimento.

Na década de 1890, surgiram os primeiros jornais operários em Santos. O médico abolicionista e republicano Silvério Fontes lançou, em 1892, o primeiro jornal socialista do Brasil, *A Ação Social*. Em 1895, ao lado de Sóter de Araújo e Carlos de Escobar, fundou o Centro Socialista.

Em 1877, os carregadores de café organizaram uma das primeiras greves operárias no país por aumento de salário. A primeira paralisação geral em âmbito local no país, ocorrida em 1891, foi de grande importância para a experiência da formação da classe operária santista.

Em maio de 1890, os mestres da construção civil criaram a União Operária,

sociedade de caráter assistencial, fundindo-se, em 1896, ao Centro Socialista e ao Partido Operário, organizado por Benedito Ramos. Em 1904, um grupo de trabalhadores da construção civil fundou a Sociedade Primeiro de Maio. Naquele mesmo ano, outro grupo, em sua maioria trabalhadores em café, organizou a Sociedade Internacional União dos Operários. Ao contrário da Primeiro de Maio, a Internacional tinha por objetivo agrupar todos os trabalhadores de Santos e não apenas uma categoria profissional.

O ano de 1906 foi marcante para o movimento operário no Brasil devido às greves ocorridas nas principais cidades do país e à realização do Primeiro Congresso Operário, no Rio de Janeiro, quando foi fundada a Confederação Operária Brasileira (COB).

Em Santos, a luta pela jornada de oito horas de trabalho (resolução do Congresso) teve início em 1907. As greves começaram pelos operários da construção, acompanhados pelos trabalhadores da Cia. Docas, entre outros. Em julho de 1907, foi criada a Federação Operária Local de Santos (FOLS), que reunia vários sindicatos da cidade. Em 1909, o anarco-

sindicalismo conquistou todos os grupos de operários organizados, unidos sob a liderança da FOLS.

O governo Hermes da Fonseca buscou enfraquecer o movimento sindical, aplicando a lei de estrangeiros de 1907 para expulsar ativistas imigrantes, mas os trabalhadores responderam com vários protestos.

Em 1917, ocorreu na cidade de São Paulo uma greve geral considerada como um marco no movimento operário: atingiu a maior parte das indústrias, durou quase um mês e, apesar da brutal repressão da polícia, obteve algumas conquistas. Devido aos efeitos negativos da Primeira Guerra Mundial no mercado de trabalho, em Santos a anunciada greve geral em solidariedade aos trabalhadores da capital não aconteceu, mas algumas categorias paralisaram as atividades por melhores condições de vida e trabalho.

Durante a conjuntura grevista de 1919 e 1920, os trabalhadores santistas voltaram a se destacar no movimento operário, realizando greves gerais e paralisações de grande impacto, marcadas por acontecimentos dramáticos e pela repressão policial. Entre novembro de 1920





ACERVO FAMS

Visita de Luiz Carlos Prestes à sede do Partido Comunista em Santos, 1945



ACERVO FAMS

Getúlio Vargas em frente ao Sindicato dos Operários Portuários de Santos, 1952



e janeiro de 1921, ocorreu a maior greve da história dos operários da Cia. Docas, quando foram registradas mortes envolvendo grevistas, "fura-greves" e policiais.

Diante da repressão e expulsão de estrangeiros, os trabalhadores entraram muito abatidos nos anos 20. O anarquismo estava em franco declínio, enquanto o jovem Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922, deparava-se com dificuldades para agir entre os trabalhadores face à vigilância policial e à desmobilização dos trabalhadores.

Mas a década de 20 foi também o período em que se fortaleceram os chamados sindicatos "amarelos". Eles defendiam a ação operária nos limites "da Lei e do Direito", exigindo medidas governamentais em favor dos trabalhadores. Com efeito, as organizações dos carroceiros, trabalhadores em café, portuários e estivadores, que estiveram na órbita dos "amarelos", formaram as bases do "sindicalismo oficial" implementado pela Revolução de 1930, que buscava atrelar os sindicatos ao Estado.

Em 1934 e 1935, sob a liderança dos comunistas, eclodiram greves e movimentos com projetos alternativos à estrutura sindical

oficial. Todavia, a repressão à Intentona Comunista de 1935, a ditadura estado-novista implantada por Getúlio Vargas em 1937 e a Segunda Guerra Mundial desferiram um duro golpe no movimento operário.

Com o fim da Guerra e do Estado Novo, o sindicalismo santista emergiu com força, empunhando a bandeira da democracia. Um dos momentos mais conhecidos de sua história foi o boicote aos navios espanhóis, em 1946, deflagrado pelos estivadores como um movimento de solidariedade internacional contra a ditadura franquista na Espanha. Durante quatro meses, os portuários se recusaram a operar em navios que transportassem mercadorias da Espanha.

Entre 1945 e 1964, o movimento sindical santista sofreu forte influência de comunistas e trabalhistas (militantes ligados ao Partido Trabalhista Brasileiro), ambos responsáveis pela criação, em 1956, do Fórum Sindical de Debates, que reunia todos os sindicatos da cidade. Até 1964, o Fórum foi o principal núcleo articulador do movimento operário local, liderando greves e movimentos em defesa de radicais reformas sociais.

Foi nesse contexto que os trabalhadores de Santos exerceram grande influência em nível nacional, destacando-se a greve geral em solidariedade aos enfermeiros da Santa Casa, em setembro de 1963,

*"uma das mais célebres do período, repercutindo de forma marcante na vida política e no processo de instabilidade institucional do país"* [Silva, 1995:182].

Mas o golpe de 1964 pôs fim aos sonhos e lutas pelas chamadas "reformas de base". Após os "anos de chumbo" impostos pela ditadura militar, os trabalhadores de Santos voltaram a se manifestar publicamente, tornando-se hoje atores sociais privilegiados no debate sobre as radicais transformações do mundo do trabalho que desafiam a criatividade e a organização dos trabalhadores nesta virada de milênio.





Os arrumadores de café em frente à Prefeitura Municipal de Santos, comemoram a criação do Sindicato da categoria, 1959

ACERVO FAMS